

REFLEXÕES ACERCA DE GÊNERO, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO

REFLECTIONS ABOUT GENDER, CURRICULUM AND EDUCATION

Recebido em: 10/04/2022

Aceito em: 30/04/2022

Karoline Lyvya Cristino de Oliveira¹ 

Gabriel Eidelwein Silveira² 

Gisele Gonçalves Palha do Nascimento³ 

Resumo: Gênero representa uma construção social com traços da cultura que estamos inseridos adquirindo significado nos tempos e espaços educativos. Quanto ao currículo, compreende-se que se constitui como um território de contestação, sendo utilizado nas relações de poder que perpassam os ambientes educativos. O presente texto tem por objetivo estabelecer conexões entre as categorias gênero e currículo na perspectiva de combater as desigualdades de gênero. Metodologicamente, esta é uma pesquisa bibliográfica exploratória, com abordagem qualitativa, pois possibilita realizar reflexões por meio de materiais bibliográficos acerca das categorias: gênero, currículo e educação. Ao final esboçamos algumas conclusões preliminares, tais como: a relevância dos períodos históricos destas temáticas e suas implicações socioeducativas; a investigação de gênero e currículo como substancial, pois compreendeu-se a quão poderosa pode ser a construção e a experimentação de um currículo e a educação como uma relação de poder.

Palavras-chave: Gênero; Currículo; Educação.

Abstract: Gender represents a social construction with traces of the culture in which we are inserted acquiring meaning in educational times and spaces. As for the curriculum, it is understood that it constitutes a territory of contestation, being used in the power relations that permeate educational environments. This text aims to establish connections between the categories of gender and curriculum in the perspective of combating gender inequalities. Methodologically, this is an exploratory bibliographic research, with a qualitative approach, as it makes it possible to carry out reflections through bibliographic materials about the categories: gender, curriculum and education. At the end, we outline some preliminary conclusions, such as: the relevance of the historical periods of these themes and their socio-educational implications; the investigation of gender and curriculum as substantial, as it was understood how powerful the construction and experimentation of a curriculum can be and education as a relationship of power.

Keyword: Genre; Resume; Education.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se a falar das questões de gênero que estão presentes no debate contemporâneo de educação. Partimos do pressuposto de que estas temáticas não podem ser

¹ Pós-graduanda em Psicopedagogia e Gestão Escolar pela UNIASSSELVI. Acadêmica do curso de Administração da UFPI - CSHNB. Pedagoga pela UFPI - CAFS. E-mail: karolyvya@gmail.com

² Doutor em Sociologia (UFRGS, 2017), Mestre em Sociologia (UFRGS, 2009) e Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais - Direito (UNISINOS, 2006). Professor da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), vinculado ao curso de Ciências Sociais - Ciência Política. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Piauí (PPGS/UFPI). E-mail: professor.silveira@gmail.com

³ Graduanda em Administração pela Universidade Federal do Piauí - UFPI. E-mail: giselegpn@hotmail.com

desprezadas, pois se aliam ao processo de construção de um mundo mais justo, igual e democrático, sem sexismo, machismo e LGBTfobia. Logo, entende-se que é importante incorporar a temática de gênero na formação inicial dos profissionais da educação.

Dada a relevância do tema, surgiu a necessidade de se pesquisar sobre o eixo gênero-currículo-educação. Entendendo que as relações de poder e as desigualdades impactam nas relações de gênero, percebeu-se que, com o passar dos anos, as discussões de gênero foram invadindo cada vez mais as academias universitárias, como também foram ganhando mais notoriedade as discussões que envolvem essas temáticas. Os conceitos foram mudando e os termos foram ganhando outras formas, o que contribuiu para que gênero ganhasse mais destaque dentro das academias.

Enfatizando as categorias mencionadas acima, colocamos o seguinte questionamento inicial: como se dão as aproximações entre gênero, currículo e educação? Diante desta pergunta, se fez necessário elencar alguns objetivos que podem nortear nossa reflexão, sendo: objetivo geral: Compreender como se dão as aproximações históricas de gênero, currículo e educação; e objetivos específicos: a) Conceituar gênero e currículo a partir de uma perspectiva histórica, política e educativa; b) Estabelecer a relação entre gênero, currículo e educação e c) Refletir sobre as contribuições das temáticas para o combate às desigualdades de gênero.

Buscando atingir os objetivos citados, a presente pesquisa caracteriza-se por ter uma abordagem qualitativa, sendo do tipo exploratória e bibliográfica. Enfatiza-se que na abordagem qualitativa, segundo Creswell (2010, p. 209), “[...] os pesquisadores fazem uma interpretação do que enxergam, ouvem e entendem. Suas interpretações não podem ser separadas de sua origem, história, contexto e entendimentos anteriores”. Assim, a partir da natureza qualitativa se tem a intenção de analisar criticamente os dados coletados. Já na pesquisa bibliográfica, “sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto (MARCONI, 2011, p. 57)”.

Quanto ao referencial teórico, será distribuído da seguinte maneira: seção 1 – Gênero: Surgimento e contribuições, seção 2 – Currículo: Uma contribuição crítica e pós-crítica e seção 3 – Gênero, Currículo e Educação: Algumas aproximações. Na seção 1, intitulada: “Gênero: Surgimento e contribuições”, será traçado resumidamente o percurso histórico do surgimento da perspectiva de Gênero e algumas de suas contribuições. Para compor a temática gênero, tomamos como base os seguintes autores e autoras: Almeida (1998), Louro (2011) e Scott (1989 e 1994). Na seção 2,

“Currículo: Uma contribuição crítica e pós-crítica”, a discussão de Currículo será abordada por meio das teorias críticas e pós-críticas, de modo que se interligue com gênero e educação. Para compor o aporte teórico, foram utilizados os seguintes autores e autoras: Lima (2009), Silva (2009) e Kelly (1981). Já a seção 3, “Gênero, Educação e Currículo: Algumas aproximações”, em que se encarregará de trazer a relação entre estas categorias – Gênero, Currículo e Educação, fazendo assim considerações acerca dessas discussões, onde as mesmas ficarão a cargo de Louro (2008 e 2011) e Silva (2009).

GÊNERO: SURGIMENTO E CONTRIBUIÇÕES

No passado (que não é tão distante), as mulheres não tinham direito ao estudo nem ao voto, muito menos trabalhar fora de casa. Assim, a mulher era preparada para o seu destino: exercer o seu “papel de mulher”, ou seja, dedicar-se ao lar, aos afazeres domésticos, ao marido e à maternidade. Atribuía-se para a função feminina, exclusivamente, “cuidar” do marido e dos filhos, não podendo desempenhar uma profissão fora do lar e muito menos assalariada (ALMEIDA, 1998, p. 19). Pode-se perceber, por meio da história que, as mobilizações de gênero começaram a partir das grandes mobilizações, onde Louro (2011) diz que:

Na virada do século, as manifestações contra a discriminação feminina adquiriram uma visibilidade e uma expressividade maior no chamado "sufragismo", ou seja, no movimento voltado para estender o direito do às mulheres. Com uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que com força e resultados desiguais), o sufragismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a “primeira onda” do feminismo. Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi seguido de uma certa acomodação no movimento (LOURO, 2011, p. 19).

Assim, com a grande mobilização dos movimentos sociais da década de 60 e 70, os termos e conceitos acompanharam essa avalanche e os estudos que se voltavam para as questões da mulher passando a ampliar os seus termos, iniciando assim as pesquisas relacionadas aos “estudos de gênero”. Quanto ao conceito de gênero, pode-se encontrar uma melhor compreensão em Scott (1989, p. 7), quando a autora afirma que,

[...] o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres.

Dessa forma, pode-se entender que conceituar gênero engloba muito mais que o feminino ou masculino; é algo complexo e que se constitui por toda uma sistemática de relações. A consideração do sexo ou a sexualidade não pode ser o parâmetro para se constituir o que de fato é classificável como homem/mulher. Mas sim, a partir de uma determinada sociedade, bem como dos seus ritos e linguagens, a identidade e a cultura. Dessa maneira, o que se é entendido como mundo social é o que constitui o corpo, por meio da realidade sexuada, como um depositário que se constitui como princípios de visão e as divisões sexualizantes entre os sexos (LOURO, 2011). Dessa forma, a autora ainda enfatiza que:

A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos — étnicos, sexuais, de classe, de gênero, etc (LOURO, 2011, p.28-29).

Considerando o percurso histórico, o crescimento dos movimentos sociais e da efervescência advinda destes, compreende-se que os estudos não se voltam apenas em traçar uma História das Mulheres, mas em compreender como se dão as relações de gênero, bem como o que as une e o que as separa. Revelar como as masculinidades e feminilidades, em determinados contextos, podem ser tóxicas, por exemplo, tem sido uma das grandes questões das discussões de gênero. Louro (2011) ratifica que, ao consentirmos que a construção de gênero é histórica e cultural, bem como que é preciso o entendimento sobre as relações entre homens e mulheres, assim como que as falas e as representações estão em processo de mudanças, entende-se que as identidades de gênero estão sempre se transformando. Por este motivo, é essencial compreender que teorias e práticas feministas, mesmo com suas críticas e propostas, também estão construindo o gênero.

CURRÍCULO: UMA CONCEPÇÃO CRÍTICA E PÓS-CRÍTICA

O que, de fato, é o currículo, e a quem ele se destina? Bom, estas são questões que geram muitos questionamentos. Contudo, para que possamos ter uma melhor compreensão do que seja currículo é preciso, inicialmente, entender o que se entende pelo mesmo, pois este termo é usado em muitos sentidos, assim como as diversas definições que têm se apresentado (KELLY, 1981). O currículo se configura como um produto das relações humanas. Desta forma, pode-se considerar as teorias do currículo como a existência de um campo especializado em que são permitidos a realização de estudos e pesquisas que se voltem a investigar o currículo. São encontradas algumas teorias que se propõem a investigar o currículo, sendo: Teorias tradicionais, teorias críticas e teorias pós-críticas (LIMA, 2009).

Ratifica-se, contudo, que serão enfatizadas apenas duas teorias do currículo: crítica e pós-crítica, enfatizando-se esta última. Ressalta-se ainda que, as discussões que se voltam para teoria educacional e crítica entendem que poder é algo que se destaca. Assim, as relações de poder no campo que permeiam a educação e o currículo são entendidas por ter uma conotação política. Dessa forma, percebeu-se que, quando é investigado o poder, constata-se que ele se manifesta nas relações sociais, em um indivíduo ou grupo que acata a vontade e o arbítrio de outros, sendo o sujeito dominado por um dominante (LIMA, 2009).

Dessa maneira, a partir das teorias críticas e pós-críticas, entende-se que não se pode mais ver o currículo pela mesma ótica ingênua de antes, pois, entende-se que o currículo possui significados que ultrapassam aqueles que as teorias mais tradicionais nos apresentaram. Dessa maneira, comunga-se com Apple (2011) quando o autor diz que:

Por essas razões e muito mais, uma cultura do debate deve ser favorecida em nossas salas de aula. Ao fazê-lo, permitiremos que a diversidade que já existe em nossas vidas entre no currículo. Temos urgente necessidade de opormo-nos à predominante indiferença para com o “Outro”, ao esquecimento do “Outro”. O currículo pode tornar-se não um motivo de divisão, mas um espaço para nossa união – espaço em que o direito de ser diferente e de respeitar mutuamente nossos direitos legítimos torna-se possível (APLLE, 2011, p. 97).

Portanto, acredita-se que quando nos dedicamos em analisar essas forças de dominação, é observado que elas podem ser relacionadas ao poder exercido pelos grupos e classes dominantes, os quais se fazem presentes nas atuações do Estado, o qual pode ser entendido, em certas teorizações, como uma fonte central de poder. A educação, que se configura como um instrumento estatal, pode

reproduzir o status quo por meio das práticas escolares, intermediários educativos, de forma sutil ou complexa, através de dispositivos como: atos legais, falas, rotinas e rituais institucionais, diários. Nesse contexto, enquanto um espaço cultural de construção de sentidos e significados, o currículo é essencial, podendo, também, ser entendido como um importante espaço de luta e transformações das relações de poder no contexto social (LIMA, 2009). Assim, conforme o exposto, entende-se que,

Construir um sistema educacional justo que respeita a diversidade e está comprometido com projetos antidiscriminatórios requer a revisão deste cavalo de Tróia presente no currículo: um currículo que manipula a informação e o conhecimento, a fim de impor uma determinada visão de sociedade (APLLE, 2011, p. 83).

Portanto, o que interessa é que se possa entender quais são as implicações sociais e de poder dos conteúdos curriculares que são ensinados nos espaços educativos por profissionais da educação. Devemos refletir sobre a base cultural a que estes currículos estão vinculados, de forma que possamos estabelecer se estes currículos contemplam os sujeitos dos processos de ensino. Pois, entender em que cultura estão inseridos esses currículos e se os sujeitos estão contemplados nos conteúdos curriculares propostos, se faz um estudo urgente (KELLY, 1981).

GÊNERO, CURRÍCULO E EDUCAÇÃO: ALGUMAS APROXIMAÇÕES

Ao considerar que gênero é uma construção social, e que está diretamente ligado ao meio em que estamos inseridos, se faz necessário questionar quais seriam os dispositivos que participam dessa construção. Ao explorarmos esta questão, foi possível compreender, com Louro (2008), que, em nossa cultura, fomos ensinados a viver gênero e a sexualidade por meio de alguns dispositivos, sendo estes: a mídia, a igreja, a ciência, as leis e afins. Ademais, na contemporaneidade, os discursos promovidos pelos movimentos sociais, bem como aqueles veiculados pelas mídias, inclusive digitais, ampliam as perspectivas do pensamento acerca do gênero, que está em constante transformação. Logo, é importante enfatizar que:

Os questionamentos em torno desses campos, no entanto, precisam ir além das perguntas ingênuas e dicotomizadas. Dispostas/os a implodir a idéia de um binarismo rígido nas relações de gênero, teremos de ser capazes de um olhar mais aberto, de uma problematização mais ampla (e também mais complexa), uma problematização que terá de lidar, necessariamente, com as múltiplas e complicadas combinações de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia. Se essas dimensões estão presentes em todos os arranjos escolares, se estamos nós próprias/os envolvidas/os nesses arranjos, não há como negar que essa é uma

tarefa difícil. Trata-se de pôr em questão relações de poder que compartilhamos, relações nas quais estamos enredadas/os e que, portanto, também nos dizem respeito (LOURO, 2011, p. 64-65).

Assim, surge outro questionamento que se formula da seguinte maneira: por que relacionar as questões de currículo e gênero? Louro (2008, p.22) também responde, dizendo que, é porque o currículo forma um determinado tipo de sujeito: Homem, branco, cristão, heterossexual e burguês. Sendo este o “modelo de referência”, ou seja, o homem branco heterossexual de classe média urbana, entende-se que esta posição foi (e ainda é) construída como a referência de normalidade, como este sendo o exemplo a ser seguido e todos os outros - “desviantes” - seriam os diferentes, que se afastariam da posição de sujeito, que sairiam da linha tênue do que é entendido como identidade de referência – do que é normal. Este sujeito normativo universal, sujeito do conhecimento, é o sujeito do currículo.

Desta forma, questiona-se: por que é necessário pensar no currículo a partir das relações de poder? Por que os conhecimentos que estão no currículo são determinados por relações de poder. Além da desigualdade entre os gêneros, o problema não se centra somente nas mulheres, mas, sobretudo, nos homens, no contexto em que se situam no polo de poder da relação. Desta forma, este termo relacional propicia uma análise com o foco nas relações, acima de tudo, de poder (SILVA, 2009).

Mas, se a constituição de gênero passa por todos estes dispositivos, que são ensinados, quais são as contribuições da educação a estas discussões? O que a escola ensina ou reproduz? Por que relacionar as questões de currículo e gênero? Ao entender que o currículo é uma “arma de poder”, pode-se responder aos questionamentos feitos acima seguindo a seguinte linha de argumentos: Entendemos que a construção dos gêneros ocorre por meio de variadas atividades e práticas. São sugeridos, nas mais diversas situações, e são gerados de modo evidente ou escondido por um agrupamento interminável de instâncias sociais e culturais (LOURO, 2008).

Assim, ao falarmos de currículo e a sua relação com gênero, compreende-se que se tem uma grande desigualdade que acaba por dividir homens e mulheres, sendo que os primeiros têm se apropriado de uma parte imensamente desproporcional, tanto de recursos materiais como simbólicos da sociedade. E, essa forma de divisão, extremamente desproporcional, é claramente estendida à educação e ao currículo (SILVA, 2009).

De acordo com Reis e Eggert (2017), há um longo processo internacional e nacionalmente que objetiva a promoção da equidade entre os gêneros e respeito à diversidade sexual, destacando o papel fundamental da educação como meio essencial para o alcance desse objetivo. De acordo com as Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, todas as pessoas possuem o direito de oportunidades de educação democrática e sem discriminação, independente do seu sexo, orientação sexual, identidade de gênero e entre outras características (BRASIL, 2013).

Mediante a temática, é visto uma urgência na abordagem dos eixos do gênero, currículo e educação, sobretudo se observado os índices de violências e discriminações contra pessoas em decorrência de gênero, orientação sexual e identidade de gênero ocorridas no Brasil, sendo mais do que necessário que haja o cumprimento de ações voltadas para o alcance de uma educação que vise promover o respeito e igualdade, pois conforme Freire (2006), a educação é o lócus que possibilita a transformação da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluir este trabalho entende-se que a caminhada ainda é muito grande, porém, acredita-se que trabalhos como esse podem contribuir para repensar práticas pedagógicas e novas formas de educar, pois pensar em uma educação para todos é um compromisso para a vida. Dessa forma, ao concluir este trabalho, que é exploratório e preliminar, enfatizamos a urgência de desenvolver currículos que pressuponham a crítica das relações de poder engendradas a partir do gênero, pois entende-se que as transformações na sociedade contemporânea exigem que a educação repense o currículo, porque é preciso refletir em favor de quais pressupostos sociais estamos nos direcionando.

É compreendido aqui que a criação dos currículos precisa acompanhar o mundo contemporâneo e os diversos sujeitos emergentes, a fim de chegarmos a uma, embora temporária, definição de currículo adequada aos desafios atuais. Portanto, se faz necessário trabalhar currículo numa perspectiva inclusiva e emancipatória onde construímos um mundo mais justo e igualitário.

Compreende-se também que o machismo, o sexismo e as discriminações, ainda hoje, na contemporaneidade, se fazem presentes, inclusive no campo educacional. Desta forma, acreditamos que trazer essas discussões para o debate, com o desenvolvimento da pesquisa, é uma forma de problematizar e desnaturalizar formas de opressão. Numa perspectiva educacional, entende-se que o respeito à dignidade humana deve estar acima de todos os “estranhamentos” e preconceitos, pois é

preciso entender que o diferente não é melhor nem pior que aquilo que convencionalmente padronizado como comportamento social normal.

A diversidade faz parte da sociedade. Desta forma, numa perspectiva humanista e inclusiva, a educação precisa promover práticas de respeito às diferenças. É por isso que se assume, neste trabalho assume, um posicionamento político evidente. O estudo é significativo porque dá visibilidade a sujeitos invisibilizados pelo currículo tradicional, ao incursionar pelas discussões de gênero.

Para tanto, ratificamos que nos opomos ao currículo que segregue as minorias, produza violências contra mulheres, gays, lésbicas, travestis e outras identidades sexuais e de gênero que divergem do padrão normativo, quer dizer, heterossexual e cisgênero. É, pois, a partir dessas relações de poder que entendemos as conexões entre currículo e gênero, de maneira que o currículo pode ser tanto um mecanismo de segregação e reprodução das violências estruturais, quanto um espaço de reflexão e aprendizado sobre as questões de desigualdade entre os gêneros. Nessa perspectiva, analisar tais tensionamentos no campo da educação se faz urgente e necessário.

REFERÊNCIAS

APLLE, Michael W. **Educação Crítica: Análise Internacional**/ Wayne Au, Luís Armando Gandin; tradução: Vinícius Figueira; revisão técnica: Luís Armando Gandin. - Porto Alegre : Artmed, 2011.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: A paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Educação em Direitos Humanos: Direitos Nacionais**, Brasília, p. 76, 2013. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=32131-educacao-dh-diretrizesnacionais-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 1 abr. 2022.

CRESWELL, John.W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos e misto**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed. 2010.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 16 ed., 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

KELLY, Alberto Vitor. **O Currículo: teoria e prática**. Tradução Jamir Martins. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

LIMA, Maria Divina Ferreira. **Teoria de Currículo e Sociedade**. Teresina: Gráfica do Povo, UFPI/CEAD, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero e Sexualidade:** pedagogias contemporâneas. 2008. ProPosições, v. 19, n. 2 (56) - maio/ago. 2008. p. 17-23. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em 25 de mar. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade e LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa:** Planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

SCOTT, Joan W. **GÊNERO: UMA CATEGORIA ÚTIL PARA ANÁLISE HISTÓRICA.** Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history. TRADUÇÃO: Christine Rufino Dabat Maria Betânia Ávila. New York, Columbia University Press. 1989. Disponível em <file:///D:/aluno/Downloads/109975-58933-1-SM.pdf>. Acesso em 02 set. 2019

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade:** uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

REIS, Toni; EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: Uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Educ. Soc.**, Campinas, ano 138, v. 38, ed. 1, p. 9-26, 2017.

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Educação para Todos:** o compromisso de Dakar. Brasília: UNESCO, CONSED, Ação Educativa, 2001. Disponível em: https://www.mprj.mp.br/documents/20184/1330730/2000_declaracaosobreeducacaoparatodosocompromissodedakar.pdf. Acesso em: 10 mar. 2022.